

## FILOSOFIA A PARTIR E COMO EXPERIÊNCIA DO FILOSOFAR

*PHILOSOPHY FROM AND HOW PHILOSOPHIZING EXPERIENCE*

Marcos Érico de Araújo Silva<sup>1</sup>

*Para Miguel Antonio do Nascimento (UFPB), com quem aprendi, pela primeira vez, a ler e a escrever filosoficamente.*

*“Não é minha intenção escrever uma obra erudita, ou perder tempo em procurar comprovações em referências literárias” (KIERKEGAARD, 2010, p. 59).*

*“Ensinar é mais difícil que aprender porque implica um fazer aprender. E mais: o autêntico mestre o único que ensina é a arte de aprender. Por isso com frequência a contribuição do docente desperta a impressão de que propriamente não se aprende nada com ele, enquanto de repente temos compreendido por ‘aprender’ a transmissão de conhecimentos úteis” (HEIDEGGER, 2010, p. 77-78, tradução nossa).*

### RESUMO

O artigo coloca em questão a dificuldade própria da filosofia para aquele que pretende lecionar e/ou estudar filosofia. A filosofia deve ser estudada ou lecionada visando sempre a experiência do filosofar, quer dizer, a filosofia tem sua *arché* e *pathos* no filosofar. Todo e qualquer filósofo da tradição, em suas obras, não se ocupa em resumir teorias ou correntes de pensamentos, mas introduz o leitor (a) na própria questão, tendo, por assim dizer, que começar de novo a própria filosofia. Assim, a filosofia é o resultado da experiência pré-teórica do filosofar, ou antes, a filosofia é *no* filosofar, ela surge e acontece *a partir* e *como* experiência do filosofar. Fazer do estudo ou do magistério em filosofia pura compreensão e transmissão de doutrinas, correntes de

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela UFPB-UFRN-UFPE. Prof. Adjunto I do Departamento de Filosofia da UERN, Campus Caicó (CaC). Professor permanente do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da UFPR, núcleo da UERN. Membro da Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard (SOBRESKI). *E-mail*: marcos\_erico@yahoo.com.br / simesmo@hotmail.com

pensamentos, biografias, enfim, fazer da filosofia cultura através da historiografia dos dados sobre história da filosofia como história das ideias é desvio e corrupção da filosofia e, portanto, morte do filosofar, erudição. O movimento reflexivo da filosofia não deve ser o de informar verdades, mas no conduzir pelo processo de descoberta das verdades. É neste devir da filosofia que o verdadeiro magistério da filosofia acontece. Não há, pois, anulação da experiência do filosofar privilegiando os dados eruditos, mas um apropriar-se reflexivo desses dados na meditação lenta e vagarosa dos textos filosóficos. Platão e Santo Agostinho ilustrarão e exemplificarão esse movimento do engendramento da filosofia a partir e como experiência do filosofar.

Palavras-chave: Filosofia; Experiência do Filosofar; Acuidade de Visão; Ver com o Coração; Platão; Santo Agostinho.

## ABSTRACT

The article questions the difficulty inherent in philosophy for those who wish to teach and/or study philosophy. Philosophy must be studied or taught always aiming at the experience of philosophizing, that is, philosophy has its *arché* and *pathos* in philosophizing. Every philosopher of tradition, in his works, is not concerned with summarizing theories or currents of thought, but introduces the reader to the question itself having, so to speak, to begin again the philosophy itself. Thus philosophy is the result of the pre-theoretical experience of philosophizing, or before, philosophy is in philosophizing, it arises and happens *from* and *how* experience of philosophizing. To make of study or of magisterium in philosophy pure understanding and transmission of doctrines, currents of thought, biographies, finally, making of culture philosophy through the historiography of data on the history of philosophy as history of ideas is deviation and corruption of philosophy, and, therefore, death of philosophizing, erudition. The reflexive movement of philosophy should not be to inform truths, but to lead by the process of discovering truths. It is in this becoming of philosophy that the true magisterium of philosophy happens. There is, therefore, no annulment of the experience of philosophizing privileging the learned data, but a reflective appropriation of these data in the slow and slow meditation of philosophical texts. Plato and Saint Augustine will illustrate and exemplify this movement of the engendering of philosophy from and how an experience of philosophizing.

Keywords: Philosophy; Philosophical Experience; Vision Acuity; See with the Heart; Plato; Saint Augustine.

Quando é que a resposta à questão: Que é isto – a filosofia? É uma resposta filosofante? Quando filosofamos nós? Manifestamente apenas então quando entramos em diálogo com os filósofos. Disto faz parte que discutamos com eles aquilo de que falam. Este debate em comum sobre aquilo que sempre de novo, enquanto o mesmo é tarefa específica dos filósofos, é o falar, o *légein* no sentido do *dialégesthai*, o falar como diálogo. [...] Uma coisa é verificar opiniões dos filósofos e descrevê-las. Outra coisa bem diferente é debater com eles aquilo que dizem, e isto quer dizer, do que falam [...] Nosso falar deve cor-responder àquilo pelo qual os filósofos são interpelados [...] Não encontramos a resposta à questão, que é a filosofia, através de enunciados históricos sobre as definições da filosofia, mas através do diálogo com aquilo que se nos transmitiu como ser do ente (HEIDEGGER, 2009b, p. 26-27).

Neste artigo meditarei sobre o estudar e/ou lecionar filosofia a partir e como experiência do filosofar. Platão e Santo Agostinho serão importantes como ilustrações desse processo ou movimento da filosofia, a partir e como experiência do filosofar, não prevalecendo, pois, a historiografia ou inúmeras citações de filósofos ou estudiosos para introduzir na filosofia. A *estrutura* ou *forma* do *Hípias Maior* de Platão e o *Solilóquios* de Santo Agostinho ajudarão a corroborar a ideia de que sem a experiência do filosofar os conceitos, definições, escolas ou correntes de pensamento são vazios e carentes de vida, extenuante para os estudantes ou para si mesmo. O propósito não é, pois, desenvolver a apropriação do sistema ou arquitetura conceitual do pensamento de Platão ou de Santo Agostinho, mas pretendo entrar na atmosfera (o filosofar!) que propiciou este desenvolvimento conceitual<sup>2</sup>. A epígrafe de Heidegger dá o tom, a entonação, criando a tonalidade afetiva (*Stimmung*) própria e apropriada para apropriação da questão. Pretendo, na verdade, introduzir, quer dizer, jogar os(as) leitores(as) nessa atmosfera para que possam experimentar o ar rarefeito da filosofia, detendo-os nessa ambiência para adaptarem-se, pouco a pouco, a um respirar sóbrio, absorvendo e vivendo no espírito da filosofia. Este espírito da filosofia não é outro senão o da explicitação da vida desde um, como exige Nietzsche, “*Pathos* da distância”.

A vontade dos enfermos de representar uma forma *qualquer* de superioridade, seu instinto para vias esquivas que conduzam a uma tirania sobre os sãos [...] Fora com esse debilitamento do sentimento! Que os doentes não tornem os sadios doentes –

---

<sup>2</sup> Não farei uma análise das obras, mas elas servirão como aceno para o que quero mostrar neste artigo.

isto seria o debilitamento [...] mas isto requer, acima de tudo, que os sadios permaneçam *apartados* dos doentes, guardados inclusive da vista dos doentes, para que não se confundam com os doentes [...] o superior *não deve* rebaixar-se a instrumento do inferior, o *pathos* da distância deve manter também as tarefas eternamente afastadas! [...] Ar puro, portanto! Ar puro! E afastamento de todos os hospícios e hospitais da cultura! E portanto boa companhia, *nossa* companhia! Ou solidão, se tiver de ser! Mas afastamento dos maus odores da degradação interna e da oculta carcoma da doença! (NIETZSCHE, 1998, p. 113-114; III, §14, grifo do autor).

Essa atmosfera, afinação ou tonalidade afetiva (*Stimmung*) de natureza pré-teorética é a condição de possibilidade da verdadeira filosofia. Nietzsche reivindica no tratamento da filosofia o ar puro de um pensar sadio e repudia a atmosfera erudita da filosofia (pensar doente) por ser “hospícios e hospitais da cultura!” Uma filosofia é constituída num determinado momento histórico, sendo reconhecida por outros grandes filósofos, instaurando-se através de uma terminologia própria, através de obras, que expressam uma posição teórica crítica da tradição filosófica. Então, por um lado, uma determinada filosofia ou sistema filosófico surge a partir da tradição, pois filosofia existe apenas no pertencimento à tradição filosófica, mas, ao mesmo tempo, ela se concretiza e se consolida enquanto crítica dessa mesma tradição, trazendo uma determinada compreensão que faz avançar a própria tradição. Heidegger, para expressar essa dinâmica ou esse vigor que vigora na tradição, fala do movimento “do impensado [...] para dentro do que deve ser pensado” (HEIDEGGER, 2009a, p. 59). Merleau-Ponty também reconhecendo essa dinâmica como sendo o elemento propriamente filosófico enquanto tarefa do filósofo, ao analisar ou estudar Husserl, indica o caminho que “não nos resta senão interrogar as amostras de ‘constituição pré-teorética’ que ele [Husserl] nos oferece, e formular – **por nossa conta** – o impensado que julgamos adivinhar aí” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 183, grifo nosso). Pensar o impensado no já pensado pela tradição é o que possibilita a dinâmica do filosofar engendrando novas filosofias. Por isso querer julgar este ou aquele filósofo como mais correto que outro é coisa de Tomé, ou melhor, de Judas, porque, apesar de conviver com os filósofos, demonstra desconhecer a verdadeira natureza da filosofia.

Quem está com a razão: Kant ou Hegel, Marx ou Kierkegaard? Isso não é pergunta de filósofo, mas de historiador ou de erudito. É pergunta descabida por destoar da linguagem de *arché*. O novo numa determinada filosofia, na verdade, só

o é em virtude do arcaico (*arché*), do velho, antiquíssimo e, por isso, característica da filosofia é a jovialidade do pensar por nunca envelhecer precisamente por ser da atmosfera de *arché*<sup>3</sup>. O pensado pela tradição, os conceitos e sistemas filosóficos só existem e são engendrados em virtude do sempre impensado, a *arché*, que não obstante possibilita o pensado.

O filósofo, pois, é aquele que tem olho para ver e descrever não só “opiniões dos filósofos”, mas, sobretudo, opera um dialogar com essas opiniões no sentido de desvelar, evidenciar a ligação dessas opiniões (o pensado) com o impensado (*arché* = pré-teorético = ser do ente). Nietzsche ao invés de falar do “ver”, para descrever *o mesmo* (*Selbe*), fala de “faro”, “instinto”. Heidegger, em um curso sobre Nietzsche, afirma que “[...] ele sabia o que é filosofia. **Esse saber é raro.** Somente os grandes pensadores o possuem. Os maiores o possuem da maneira mais pura sob a figura de uma questão constante” (HEIDEGGER, 2007, p. 7, grifo nosso). É espantosa essa afirmação de Heidegger! Mas como é afirmação de um grande filósofo, sempre é uma frase-grávida: tem vida aí dentro, o sentido de ser mexe na frase e aguarda o partejar, o interpretar de outro filósofo! O filósofo é esse que, como intelectual (*Inter-legere*), desenvolveu uma visão de ultrassom, por assim dizer, sendo aquele que vê dentro (*inter*), que vê a coisa mesma da filosofia, da vida, que se dá sempre num retraimento, explicitando-a, expondo-a (*logos, legere, legein*). Este é seu ofício: partejar o sentido do ser, desvelando-o em seu encobrimento na experiência.

Filosofia é um saber raro porque ela não é coisa de erudição, de cultura, de muitas informações. Se filosofia fosse reduzida a isso, não seria, jamais poderia ser um saber raro. Se Heidegger tivesse conhecido o *Google*, este *Herr* professor, o ideal do erudito, que sabe tudo e responde imediatamente a qualquer pergunta, teria intensificado e certamente nos teria dito o quão verdadeiro e atual é, hoje, sua frase sobre a filosofia: “esse saber é raro<sup>4</sup>”. O *Herr* professor *Google* não filosofa, mas informa, deformando

---

<sup>3</sup> Sobre essa caracterização da filosofia numa diferenciação autônoma e qualitativa da história, Kierkegaard escreve: “A filosofia exige sempre alguma coisa a mais, exige o eterno, o verdadeiro, frente ao qual mesmo a existência mais sólida é, enquanto tal, o instante afortunado. Ela se relaciona com a história como o confessor com o penitente, e deve, como um confessor, ter um ouvido afinado, pronto para seguir as pistas dos segredos daquele que se confessa; mas ela também está em condições de, após ter escutado toda a série de confissões, fazê-las aparecer diante do que confessa como uma coisa diferente (KIERKEGAARD, 2005, p. 24).

<sup>4</sup> Saber raro não implica em compreender a filosofia reservada a um grupo seletivo, mas exige um “faro”, um “instinto” para ser capaz de se dispor em abrir-se para o modo próprio de ser do homem como sendo *o mesmo* (*Selbe*) que todo filósofo busca, trata, visa, fareja. Estudar e/ou lecionar filosofia é possibilitar o aguçar desse faro, desse instinto, e não primariamente ocupar-se em transmitir

por dar a resposta e, junto dela, ou por causa dela, instaura a convicção sofisticada sem investir no filosofar, na busca, luta e labuta da apropriação da verdade. Verdade filosófica, quer dizer, verdade, em grego e no grego, evoca, convoca para a conquista, está dizendo e exige o fazer saga, caminho. O filósofo, estudante ou professor, é, deve ser um *Odisseu*, um homem de dor, que, na necessidade de partear a verdade, precisa realizar a sua *Odisseia*, cumprindo seu destino na dor de se fazer o homem que deve vir a ser, a se fazer para poder ser. O saber da filosofia é, pois, um saber raro e mais difícil enquanto um permanecer sempre no *mesmo* (*Selbe*)<sup>5</sup>, no interior da mesma questão sem se dispersar nas muitas informações biográficas, historiográficas, sem visar sempre novidades<sup>6</sup>, nem imperando numa multiplicidade de questões<sup>7</sup>. Quando cede a estes equívocos, se cair nestes desvios ou tentações, como sempre ocorre com os Sofistas do passado, e de agora, a filosofia passa a ser compreendida como cultura e, portanto, não existindo mais o diálogo enquanto um falar, a filosofia decai em um simulacro erudito dela. Ao contrário, quando acontece o dialogar com todos os filósofos, mas sempre no interior da mesma questão, vamos ao encontro do dito, do escrito, do pensado do filósofo atentos ao não dito (pré-teorético, impensado) sem o qual jamais seria possível o dito, o escrito, o pensado. Nesse enfrentamento da minha racionalidade com a racionalidade (*dia*) do filósofo estudado mostra-se, revela-se que, não obstante, há algo de impensado no pensado (*logos*) que merece, pois, ser pensado como correspondência ao impensado (*arché*). Assim surge uma filosofia

---

dados sobre filosofia. Heidegger defende em várias obras, por exemplo, em *Introdução à filosofia*, que o simples fato de ser homem isso já implica em filosofar. Mesmo sendo desprovido de toda informação ou conhecimento da filosofia, defende Heidegger, mesmo assim nós já estamos *na* filosofia, dentro dela. A erudição, entretanto, para Heidegger, falsifica a filosofia. A ideia que a filosofia é um amontoado, uma soma, um conjunto de sistemas, teorias, conceitos, enfim, erudição, conduz necessariamente a ideia de que a filosofia é história das ideias (isso entope o nariz!) ou está reservada para alguns seres inteligentes, ou que apenas com uma determinada idade ou maturidade seria possível. Ora, nesse modo de compreender a filosofia, como conjunto de informações, a filosofia estaria fechada para a criança, por exemplo. Mas, como estou tratando aqui, a filosofia é essencialmente filosofar, experiência que antecede e determina como consequência ou resultado a filosofia, as definições, os sistemas, e, portanto, a criança e jovens podem ser afetadas e tomadas pela filosofia enquanto e como experiência do filosofar.

<sup>5</sup> Para chegar a isso ou poder dizer dessa dificuldade, por exemplo, Pascal fala que na filosofia é preciso ter *espírito de finura!*

<sup>6</sup> Em *O Conceito de Angústia* Vigilius Haufniensis/Kierkegaard escreve: “[...] não é meu desejo descobrir novidades, porém certamente a minha alegria, e a minha ocupação enamorada consistem em pensar sobre aquilo que parece inteiramente simples” (KIERKEGAARD, 2010, p. 92).

<sup>7</sup> Insisto: qual obra de filosofia, quer dizer, de um clássico da filosofia (os que merecem serem lidos, portanto) que se ocupa com essas questões acessórias? Nenhuma!

na história que se eterniza em cada filósofo que, por assim dizer, começa de novo a filosofia em correspondência a *archê*! Justamente por isso que, diferentemente das ciências, “a filosofia como filosofar é autoconstituição” (HARADA, 2009, p. 201). Nessa perspectiva em que aparece a verdadeira filosofia como filosofar (dialogar com as opiniões dos filósofos) e a falsa filosofia, a sofística (apenas descreve, topicaliza e resume as opiniões dos filósofos) afinada (*Stimmung*) com a citação de Heidegger, que nos serviu de epígrafe, Frei Hermógenes Harada, com muita profundidade e olhar filosófico desvela o sentido do estudar e/ou lecionar filosofia:

[...] se estudar filosofia não é propriamente *saber sobre o que é*, mas *filosofar*, então esse filosofar não mais seria saber sobre filosofia nem sobre estudo, mas *apenas questão*. Na questão, *interrogar não é para responder e resolver um problema*, mas *abrir-se à disposição* [leia-se atmosfera, afinação ou tonalidade afetiva!] *da jovialidade incondicional da busca* (HARADA, 2009, p. 197, grifo do autor).

Chegamos no núcleo da questão. Ao explicitar o fenômeno da filosofia enquanto dialética do pré-teorético e do teorético, mostramos que não existe filosofia verdadeira sem o filosofar. O filosofar é, pois, essa passagem da experiência pré-teorética, vital-existencial, para o teorético, quer dizer, a explicitação conceitual da experiência vital-existencial. Mas é uma passagem que jamais se rompe tal como o espanto (*thaumatzéin*) grego, mas que nos *detemos* nessa experiência. Estudar e/ou lecionar filosofia não se realiza sem o filosofar para se deter e descrever os resultados, as definições, os conceitos, ou demonstrando a relação de causa e efeito entre um sistema filosófico e outro. Filosofia não é verbete! Estudar e/ou lecionar filosofia não é ser um enciclopedista ou saber os verbetes e definições da filosofia, mas, antes, mais radicalmente, é acompanhar a descoberta da verdade, o processo que resultou em definições e conceitos.

Descartes na Regra X e na III de sua *Regras para a Direção do Espírito* revela a natureza do espírito filosófico que deve exercitar-se mais na descoberta da verdade do que investir no conhecer as razões, as verdades dos intérpretes e estudiosos. A consequência disto é que o fato de saber de memória os dados, as informações sobre as histórias da filosofia, não faz de alguém um filósofo, quer dizer, alguém com faro, instinto para a coisa mesma da filosofia.

Nasci, confesso, com um espírito tal que o maior prazer dos estudos consistiu, para mim, não em ouvir as razões dos outros, mas em exercitar-me a mim próprio na sua descoberta; pois, foi

apenas isso que me atraiu quando ainda jovem para o estudo das ciências, e sempre que o título de um livro me prometia uma nova descoberta, antes de continuar a ler, tentava saber, se por uma perspicácia inata, não poderia porventura chegar a semelhante resultado, e evitava cuidadosamente destruir esse prazer inocente por uma leitura apressada (DESCARTES, 1985, p. 19; Regra X).

[...] nunca nos tornaremos matemáticos, por exemplo, embora saibamos de cor todas as demonstrações feitas pelos outros, se com o espírito não formos capazes de resolver todo e qualquer problema; nem nos tornaremos filósofos se, tendo lido todos os raciocínios de Platão e Aristóteles, não pudermos formar um juízo sólido sobre quanto nos é proposto. Com efeito, daríamos a impressão de termos aprendido não ciências, mas histórias (DESCARTES, 1985, p. 6; Regra III).

Não nos tornaremos filósofos apenas por saber (ou transmitir tartareando jornalisticamente) de cor as frases, definições e pensamentos dos filósofos se não recordarmos através da meditação, apropriação do texto até atingir a experiência do filosofar neste ou naquele filósofo. Frei Hermógenes Harada nos ensina, na seqüela de Heidegger, que filosofia em sendo filosofar é uma questão. Questão em latim *quaestum*, *quaerere* está dizendo ou perfazendo um movimento de desejo, de busca, de pesquisa, de paixão (*pathos*). É uma tonalidade afetiva ou disposição que nos posiciona na abertura, não de uma solução para um problema, mas da espera do inesperado – como anunciava Heráclito sobre a filosofia. Quando se mata o filosofar, quando não conduz o outro ou a si mesmo para a experiência afetiva da descoberta da verdade, saltando, então, para o ensinar verdades consolidadas, fixas e estabelecidas, predominam a certeza e a segurança que *encobrem* a dificuldade própria da filosofia e do filosofar. O filosofar em sendo passagem ou caminho para a filosofia (um sistema filosófico constituído de um filósofo) está sempre na tensão de uma *filia*, uma afinidade ou harmonia *para* a filosofia, a caminho dela. O teórico, a filosofia, só o é na correspondência ao pré-teórico. Daí que estudar ou lecionar filosofia memorizando ou resumindo ideias principais dos filósofos não se faz *filosoficamente* e por mais que domine muitas informações, justamente por elas estarem sem a experiência do filosofar, coloca esse erudito fora da filosofia. Se filosofia nasce do filosofar tendo seu ponto de partida na *arché*, o filosofar só se movimenta em virtude ou por força do *pathos* enquanto e como experiência. A experiência do filosofar, por um lado, sendo de natureza pré-teórica está no âmbito de *arché*, e, por outro



lado, precisamente por ser anterior ao conceito ela afeta o homem, mobilizando-o para apropriação de um modo de ser do real e de si mesmo. É preciso ser tomado e afetado (*pathos*) pela força do Princípio (*arché*) para que possa compreender o real, teorizando-o, explicitando-o, dando-lhe o sentido de ser. Então, neste artigo, darei ênfase no primeiro momento da dialética que constitui a filosofia, a saber, a dimensão pré-teorética, afetiva do filosofar<sup>8</sup>. Não irei, historiograficamente, tartarear nem informações sobre filosofia, nem dar soluções para problemas. O que farei é despertar o(a) leitor(a) para a possibilidade de uma experiência filosófica em que se veja afetado(a) e tomado(a) pela necessidade de compreender criticamente a própria experiência, vida. Assim, entra-se na atmosfera ou tonalidade afetiva (*Stimmung*) da filosofia em que os próprios filósofos foram tomados e afetados e só por causa disso conseguiram escrever, teorizar sobre a verdade do real.

Platão e Santo Agostinho, por exemplo, por serem filósofos e escreverem obras de filosofia, demonstram esse movimento dialético da experiência do filosofar e da filosofia. Estudar suas obras ou lecionar filosofia com eles deveria conduzir-nos à filosofia *através* da experiência do filosofar. O que mais interessa é saborear como as questões são colocadas mais do que as respostas dadas. Acompanhar o pensar do filósofo, que sempre é uma elaboração da questão, significa experimentar a dificuldade implicada na própria questão. Quando a filosofia é mera transmissão, esquemas que definem e livram das dificuldades de compreender a dificuldade da filosofia, enfrentada ou descrita pelo filósofo, tornando-o, assim, muito fácil e inofensivo, domesticado, então é possível vomitar informações de vários e inúmeros filósofos em alguns dias. “Vantagem”: muitas informações misturadas em pouco tempo ou espaço (O *Herr Google* faz isso e bem melhor!). Desvantagem: odor desagradável na falsa convicção de que sabe muito! Mas, em verdade, no fundo, a experiência comprova, nada disso terá o poder de afetar a nós mesmos, ou a um(a) estudante, ou mesmo de fazê-los(las) compreender com profundidade (e entusiasmo, *pathos*!) um autor ou propiciar que eles (elas) sejam tomados(as) pelo filosofar, pela questão por não ter (ser!) perfeita a experiência do filosofar.

---

<sup>8</sup> Falar assim já é, talvez, um equívoco, um cochilo por não se dar conta que a filosofia é *no* filosofar, *a partir* da experiência do filosofar e, portanto, o movimento dialético que falo aqui quer chamar atenção criticamente para o modo topicalizado, cor-rompido de ensinar filosofia privilegiando os dados historiográficos sem conduzir para a experiência do filosofar. Então, a filosofia se dá ou acontece num único movimento, quer dizer, no e a partir da experiência do filosofar. Quero, pois, e-videnciar esse movimento!

Ensinar filosofia sem o filosofar é um procedimento abortivo! Não há nesse procedimento o *pathos* de experimentar a alegria e a dificuldade da mesma questão na qual o filósofo estudado permanece e nos joga dentro dela. Assim saímos da atmosfera da filosofia antes mesmo de nela entrar! Ora, é a própria peculiaridade e especificidade da questão filosófica que possui sua dificuldade não podendo ser burlada sob pena de apenas ficar arroteando ao arrotar citações e autores sem jamais entrar de fato na filosofia; isso dá azia espiritual e causa acídia no espírito! E, assim, sentimos a profunda tristeza de ser um eunuco intelectual, estéril, incapaz de ler nas profundidades do texto, da história da filosofia. Santo Agostinho já advertia ensinando, ou ensinava advertindo: “veem o coração delas [as Escrituras; leia-se, porém: a história da filosofia] com os olhos do coração [*et cor earum sui cordis oculi vident*]” (AGOSTINHO, 1957, p. 271, tradução nossa). Mas o erudito enquanto e como eunuco é cego dessa cegueira intelectual-espiritual precisamente por ver de mais e muitíssimo; ele lê muito, mas muitas coisas; o filósofo, ao contrário, se ocupa de ler apenas uma coisa e lê esta única coisa em todos os filósofos, por isso dialoga!

Naturalmente que o erudito, como compensação inconsciente, para encobrir a própria cegueira, caminha na vida do espírito, tateando pela superfície das definições, correntes filosóficas, numa multiplicidade de filósofos e, sobretudo, intérpretes, estudiosos, manuais, coletâneas. Verdadeira galeria de museu! Passeio turístico, não peregrinação! Isso pode até ter lá sua importância, podendo até arrancar um “Óóó” de alguns alunos, mas ainda está muitíssimo longe da filosofia. Seguindo, ao contrário, o método agostiniano ou de todo autêntico filósofo, nosso empreendimento é difícil porque visa esse olhar do coração (não é ver com os olhos!) para ver o coração das obras dos filósofos; ou a “acuidade de visão” como exige Platão. Quem disse que um livro de filosofia não tem coração e não bombeia sangue para cada frase do texto dando-lhe vida?! É preciso ler lentamente, frase a frase, saboreando cada palavra e, às vezes, lambendo os lábios. “Ler sob o tato dos meus olhos”! – ensinava Frei Harada (2011, p. 58). É preciso ler numa tal concentração como um médico ausculta o coração de um paciente. É preciso auscultar o Ser, a *arché*, que transpira nos poros das palavras, revelando o verdadeiro sentido do texto! Isso não está dizendo nada de estar preso ao pé da letra, mas justo elevar o discurso a partir do pé da letra até atingir o coração da letra. Aliás, é bom aqui uma admoestação, essa coisa de *pé* da letra na maioria das vezes não cheira bem! Cuidado! O faro do filósofo é apurado e sensível! “Ar puro, portanto!” – diria Nietzsche! Harada gostava do seguinte lema que deveria ser gravado na porta de uma sala de aula de filosofia ou de um Departamento

de Filosofia: *Non multa, sed multum*. Gilvan Fogel, este grande e profundo professor de filosofia, doutor em filosofia em Heidelberg desde 1980 – foi aluno de Harada; o mestre aprendeu com o mestre – descreve o essencial no estudar e/ou lecionar filosofia de forma filosófica e não erudita:

No nosso ponto de partida [refere-se à questão: que é filosofia?], recordemos mais uma vez, dissemos não tratar-se a filosofia de nenhuma “coisa”, quer dizer, de nenhum corpo doutrinário constituído, ao qual caberia dominar-se a partir do uso correto de uma certa metodologia ou de uma boa manualística. Somente desde um ponto de vista desvirtuado, decadente, é que ela pode configurar-se como algo do domínio da cultura, acervo ou bagagem cultural. Hoje, isso significaria: informações, dados e a garantia de acesso rápido e domínio certo, seguro. Antes, porém, estando em questão a filosofia, em questão realmente está uma atitude, melhor, um modo próprio de ser do homem, da vida, para o qual se impõe abrir-se e, desse modo, predispor-se a conquistá-lo. [...] É deste modo que se dá e se faz liberdade, à medida que esta ação transfiguradora de dor (o crescimento, a intensificação) constitui-se em movimento de liberação de um próprio, de uma identidade (FOGEL, 2009, p. 108-109).

O que é essencial na filosofia é despertar para essa atitude de uma disposição ou tonalidade afetiva que me lança no movimento de compreender isto que me afetou, que me tomou, que me sobrepassou e, assim, experimentando e explicitando essa experiência, liberamos nossa identidade e realizamos a filosofia. O crescimento em filosofia não se dá como anabolizante, não cresce rápido de forma extensiva por acúmulo de muitas informações e utilizando, como afirma Sócrates sobre os sofistas, sobre Hípias, “a arte da memória<sup>9</sup>” (PLATÃO, 2007a, p. 239, 285e). O crescimento

---

<sup>9</sup> No *Hípias Maior* (PLATÃO, 2007a) Sócrates recorda a “arte da memória” na intenção de ironicamente elogiar a erudição de Hípias. De fato, Hípias, como todo sofista, são eruditos, quer dizer, têm um conhecimento vasto sobre todos os assuntos e áreas, mas é um conhecimento horizontal, sem maior profundidade ou com profundidade apenas em aparência. O Sofista é um grande intelectual, mas não atinge a profundidade de um filósofo que, entretanto, do ponto de vista da erudição, é de fato e com razão um ignorante. No *Hípias Menor* (PLATÃO, 2007b) em que a questão analisada é sobre *o falso* surpreendentemente se contrapondo a “arte de memória” (368d) de Hípias, do sofista, Sócrates, o ignorante, e, portanto, filósofo, também demonstra uma habilidade da “arte de memória”! Para contestar os argumentos de Hípias que estava interpretando Homero acerca de Aquiles e Odisseu (se Aquiles era o mais nobre e o mais corajoso e Odisseu astuto e mentiroso), como sempre, citando passagens de autores renomados (365a-b), fazendo prevalecer a retórica à verdade da coisa ela mesma, Sócrates utiliza as mesmas armas do sofista fazendo citações da mesma obra (370a-d, 371b-d) que o sofista trouxe para fundamentação de seu discurso

em filosofia se dá lento, mas de forma intensiva se exercitamos o método correto determinado pela filosofia nela mesma. Na *Carta VII* Platão<sup>10</sup> escreve:

Sei que alguns outros escreveram sobre essas mesmas coisas [filosofia], mas esses não sabem nem de si mesmos. Eis o que tenho a explicar acerca de todos que escreveram e não de escrever, quantos dizem saber acerca daquilo de que me ocupo [filosofia], tanto os que me ouviram a mim, como a outro, como ainda os que encontraram por si. Não é possível, na minha opinião, que tenham compreendido nada do assunto. [...] **Pois, de modo algum se pode falar disso [da filosofia], como de outras disciplinas, mas, depois de muitas tentativas, com a convivência gerada pela intimidade, como um relâmpago brota uma luz que nasce na alma e se alimenta a si própria [...]** (PLATÃO, 2008, p. 89, 341b-c, grifo nosso).

---

mostrando uma contradição com a interpretação de Hípias. Isso é surpreendente porque revela que a ignorância socrática, é filosófica, como a dúvida cartesiana, quer dizer, é apenas metódica. Sócrates, enquanto filósofo, desenha com seu modo de ser e viver o modo de ser de todo e qualquer filósofo de toda e qualquer época. Não deixa, pois, de ser surpreendente ver no diálogo Sócrates demonstrar esse saber! Mas se lembrarmos da *Politeia*, Livro VI, quando Platão (2010) descreve as qualidades ou virtudes de um verdadeiro filósofo a *memória* é uma das características do filósofo (486d). Mas, evidentemente, o filósofo a utiliza sem ser guiado por conveniências, utilidades, desejo de exibição, ou interesses que não seja exclusivamente a verdade. Kierkegaard, como verdadeiro filósofo, reconhece a veracidade disso porque vive no elemento da filosofia e, então, desde essa experiência louva e admira Sócrates, mas na sobriedade que, como em Nietzsche e em Heidegger, espantam os discípulos para que tornem-se mestres e não permaneçam sempre discípulos ou na dependência (quem gosta disso é sofista!): “E ainda que eu tivesse o entusiasmo de um Platão, ao ouvir Sócrates, e o meu coração batesse fortemente como o de Alcibíades, mais forte ainda que o dos coribantes, se minha admiração apaixonada não pudesse satisfazer-se senão abraçando este homem magnífico, sem dúvida Sócrates me sorriria, dizendo: ‘Ó meu caro, que amante enganador que és! pois queres divinizar-me por causa de minha sabedoria e queres ser aquele que melhor me compreendeu, aquele de cujo abraço admirativo não posso arrancar-me; não serás um sedutor?’ E se eu não quisesse compreendê-lo, então sua fria ironia me lançaria no desespero quando me explicasse ter em relação a mim uma dúvida tão grande quanto aquela que tenho em relação a ele. Ó rara proibidade, que não engana ninguém, nem mesmo aquele que colocaria sua felicidade no ser enganado; rara em nossos dias, onde todos vão mais longe do que Sócrates, tanto na arte da auto-avaliação quanto na de serem úteis a um discípulo, tanto na sensibilidade do trato, como na volúpia que o quente bafejo da admiração proporciona! Ó rara fidelidade, que não seduz ninguém, nem mesmo aquele que faz uso de toda a arte de sedução para se deixar seduzir!” (KIERKEGAARD, 2008, p. 45-46).

<sup>10</sup> Parece não haver unanimidade sobre a autoria de Platão entre os estudiosos. Entretanto, a atmosfera da obra estabelece o clima da filosofia platônica, que é o que mais me interessa aqui. Para maiores esclarecimentos veja a Introdução da *Carta VII* (PLATÃO, 2008) na tradução brasileira publicado pela Loyola.

Platão sustenta a tese que sobre a filosofia não se pode falar como se fala das outras disciplinas. Filosofia não é e nem jamais será uma filosofia positiva!!! Não se entra na filosofia ao modo das ciências! Existem duas portas por onde se pode entrar e fazer o caminho da filosofia: a filosofia nela mesma, e a ciência. Essa é aquela porta larga, enfeitada e sofisticada, que conduz à perdição e exercitar o pensar através do filosofar na filosofia nela mesma (*ti estin*) é a porta estreita. Isso é o *mesmo* (*Selbe*) que deve dizer e buscar todo filósofo colocando sempre de novo e a cada vez a mesma questão. Por isso afirma Heidegger: “Esse saber [da filosofia] é raro”. É graça! Puro dom para quem se abre para a jovialidade da busca. Acolho. Aceito. Suporto! Obrigado!

Então, para Platão, filosofia não se faz ao modo, no estilo das ciências, mas a filosofia se faz no filosofar, quer dizer, após muitas tentativas, que implicam falhas, dificuldades etc., mas persistindo no filosofar, sem burlar ou encobrir as dificuldades, engendra intimidade com a coisa mesma e, assim, de repente, abruptamente, no meio da busca apaixonada, uma luz se acende, a concepção, o conceito nos toca e partejamos, explicitando isso que se mostra no resplendor da verdade, dando e doando sentido ao real. Filosofia. Filosofar. Experiência. Caminho. Como é falso o transmitir a filosofia com a mesma exigência e certeza das ciências! Se a maioria das aulas de filosofia os alunos ficam com mais certezas do que com dúvidas ou atitude de espanto diante da questão, como todo filósofo descreve, por exemplo, Descartes nas *Meditações*, é de se suspeitar se não é erudição e não filosofia que está sendo ensinada.

As obras, os escritos de qualquer filósofo, são um testemunho desse despertar em que no exercício do filosofar, e não com alguma definição ou fórmula mágica, de repente, no instante, uma luz se acende e, então, dá-se uma abertura, cria-se uma disposição. O filósofo além de eremita e, talvez por sê-lo, é, ao mesmo tempo, e, na mesma intensidade, um mártir que derrama seu sangue nas letras de suas obras se consumindo na e pela verdade! Nelas acompanhamos o movimento, as contrações do filosofar. Estudar filosofia significa entrar nessa atmosfera, nessa disposição ou tonalidade afetiva possibilitando ver o real, desde um *pathos* da distância, dando-nos, doando-nos a condição de partejar, de teorizar justamente por vermos a gênese (*arché*) do real. Quem é mais filósofo do que Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, São Boaventura, Descartes, Kierkegaard, Karl Marx, Nietzsche, Husserl, Heidegger? Quem entende mais de filosofia ou do que é filosofia e, portanto, de como se ensina ou comunica o saber da filosofia senão esses filósofos da tradição? Existe algum professor de filosofia hoje, algum über-filósofo, que descobriu algum método ou

um ensinamento sobre a filosofia mais verdadeiro e mais eficaz do que o modo dos filósofos clássicos da tradição?! Abram os e leiamos algumas páginas de um diálogo de Platão, ou de Santo Agostinho, ou as *Meditações* de Descartes, ou as *Meditações cartesianas* de Husserl, ou um curso de Heidegger etc., não encontraremos resumos das obras dos filósofos, nem se ocupando em fazer uma biografia dos filósofos, nem muito menos tentando resumir mais de 2.500 anos de História da Filosofia em algumas páginas ou capítulo. Por que, então, muitas vezes impera esse modo decadente de estudar e/ou ensinar filosofia corroborando com esse procedimento o senso comum daqueles que se aproximam da filosofia? Por que a filosofia em sendo o movimento do filosofar em que explicita a experiência da vida fazendo Vida e, portanto, liberando a própria identidade, fazendo o homem *mais* homem, por que apesar dessa experiência de *pathos*, por que – insisto e persisto na pergunta – por que a filosofia não seduz, não entusiasma, mas atemoriza e imobiliza como sendo um olhar direto para as pupilas de Medusa sem a intermediação do escudo, do reflexo, da reflexão do pensar no movimento do filosofar?

A experiência é o ponto de partida porque trata de compreender o real e a si mesmo diante o real. A filosofia é tão só a explicitação disso na linguagem de *arché*, do começo que nunca começa porque desde sempre já começou. Círculo. Paradoxo. A filosofia se ocupa disso e, por isso, todo filósofo, por assim dizer, começa de novo a filosofia. Esse começar a filosofia, fundar ou refundar a filosofia é a experiência do filosofar como e enquanto tentativa de explicitar a experiência. Um curso de filosofia deve seguir e perseguir como este ou aquele filósofo descreve isso sem se ocupar em resumir suas ideias, recepção de sua obra etc etc., mas fazer o aluno percorrer o mesmo caminho do filósofo estudado. Todo filósofo sente a necessidade de expressar em suas obras essa experiência, esse *itinerarium* para a verdade.

Então, nas obras dos filósofos constatamos esse movimento do filosofar em que tentam penetrar com profundidade, quer dizer, numa dimensão não física, não científica da realidade, atingindo a verdade do verdadeiro. Filosofia não se ocupa do verdadeiro, de coisas belas, de ações boas e virtuosas por elas mesmas, mas a filosofia visa na verdade, e, em verdade, a *verdade* do verdadeiro, a *beleza* que torna belo as coisas belas, o *bem* ou a virtude que tornam boas e virtuosas determinadas ações ditas boas e virtuosas. Em nossa experiência cotidiana somos tomados e afetados, às vezes atordoados, com coisas belas, ou persuadidos pelo império midiático do verdadeiro, ou perseguidos pelo público (a multidão) para adotarmos determinadas atitudes ou realizarmos determinadas ações que são consideradas boas ou virtuosas. É justo aí,

na experiência de ser-no-mundo, que filosofia acontece, ou entra em decadência através do simulacro da erudição sempre sofisticada. A verdadeira filosofia é grega e seu modo de proceder e de *perguntar* é grego. Diante do poder persuasivo e, por vezes, impositivo, intimidativo, autoritário do real, o filósofo se detém, para, observa, silencia, pensa, pesa e pondera, e, depois, de algum tempo (bastante tempo!), desde o *pathos* da distância, com sobriedade e uma calma perturbadora, próprio de uma alma eremítica, interpela acerca da verdade de tudo isto que se mostra no real como real: *ti estin*, que é isto – a verdade? O que é isto – o belo? O que é isto – o bem ou virtude? O que é isto – filosofia?

A filosofia, embora seja um saber raro, ela é para todos, quer dizer, todo homem enquanto homem está na condição de acolher a filosofia porque ele já vive na filosofia. O simples fato de existir como homem no mundo já significa que se movem desde sempre num horizonte de sentido que, não obstante, a maioria dos homens não tomam consciência. A filosofia, mas também a poesia, a literatura, a música, a escultura, a pintura etc., em linguagens específicas, cuidam disso, acenam e nos jogam para o despertar de uma atitude própria do modo de ser do homem. Em Platão, como em qualquer filósofo, o despertar dessa atitude é a linguagem de *arché*, quer dizer, que em tudo *que, como, porque diz* é falado no sotaque de princípio (*arché*) que articula, integra, compacta, condensa, através do *logos* desde a experiência afetiva de *pathos*. Não interessa, pois, a doutrina de Platão, mas nos concentremos em como em Platão a atmosfera ou tonalidade afetiva (*Eros!*) é despertada enquanto e como atitude do filosofar que encaminha para a filosofia. Queremos ver, ou tornar visível (*eidos*), em Platão, a figura do filósofo autêntico, sua atitude e características em contraste com o falso filósofo, o erudito e com fama reconhecida na *pólis*, o sofista<sup>11</sup>.

Platão falando a linguagem de *arché* distingue o *pedigree*, o jeito e trejeito, a característica essencial enquanto modo de ser, agir e pensar do filósofo, da fala fluída, rápida, tartareada, erudita do sofista. O filósofo tem um modo de falar e pensar que não é o mesmo do senso comum, não coincidindo com aqueles que vivem na obscuridade da caverna, isto é, estes últimos estão desprovidos do verdadeiro conhecimento (*episteme*) estabelecendo como critério e padrão de medida da verdade, para emitir seus juízos, a opinião confusa (*doxa*) da “maioria”, “da voz corrente”. Por esta razão, os interlocutores de Sócrates, os não filósofos, *sempre estranham e se espantam* com a forma de abordagem do filósofo explicar a coisa mesma do pensamento

---

<sup>11</sup> Evidentemente não é propósito deste artigo desenvolver nos diálogos de Platão como isso acontece. O que me interessa é acenar para o aspecto próprio da filosofia que todo filósofo mostra.

que está em questão, no caso, no diálogo *Politeia* (ou *República*), a questão da justiça: “Ora, bem! **O parecer da maioria** não é esse [...]” (PLATÃO, 2010, p. 54, 358a, grifo nosso); “Aqui tens, ó Sócrates, qual é a natureza da justiça, e qual a sua origem, **segundo é voz corrente**” (PLATÃO, 2010, p. 56, 359b, grifo nosso). De Sócrates, ou de qualquer filósofo, o que se espera é que não caia na sedução “do parecer da maioria” porque no que o filósofo fala jamais encontra-se “a voz corrente”, mas a voz da verdade, do Ser, de *Arché*. Gláucon e Adimanto, interlocutores de Sócrates na *Politeia*, melhor, reprodutores (professores?!) da ideia de Trasímaco, sofista, apesar de desejarem permanecer no elemento da filosofia, da “ciência” e, assim, representam aquele modo decadente, mas não vulgar do vulgo, exige de Sócrates, o filósofo, aquilo que só ele pode e tem competência para fazer: “Já que eu [Adimanto] poderia aceitar de outras pessoas [...] **mas não de ti** [isto é, Sócrates e todo filósofo!], a menos que a tal me obrigasses, **porque tens passado toda a tua vida a examinar esta questão, e só esta**” (PLATÃO, 2010, p. 69-70, 367d, grifo nosso). A explicação que aparece em todo e qualquer diálogo de Platão, ou de qualquer filósofo, que seja *de fato* filósofo e não sofista, retratando ou escaneando “o parecer da maioria”, “é voz corrente” não pode nunca ser a explicação filosófica, verdadeira do real. É precisamente por esta razão que Hegel afirmava que a filosofia é o “mundo às avessas”. Filósofo verdadeiro só se ocupa e preocupa com uma única questão, “só esta” e não outras. *Non multa, sed multum*.

Na *Politeia*, Sócrates não aparece como protagonista ou como aquele que com autoridade fala a não ser a partir da metade do Livro II. Sócrates, antes, silencia, observa, escuta. Na verdade, Sócrates só fala quando insistem em demasia para que ele fale algo sobre o que foi discutido. Isso mostra que a demora e o silêncio são próprios do filósofo enquanto atitude de escuta e obediência ao Ser, a *Arché*. Quem fala sempre, numa clara contraposição de atitude antifilosófica, é um sofista. Sofista gosta disso, se compraz com isso, embriaga-se nessa *hybris*. Hoje os sofistas atuam não só na Academia, mas sobretudo adoram propagar ou exhibir seu saber, sua erudição nas redes sociais, na nova ágora em que impera a ditadura (*dicta-dura*) ou tirania do “parecer da maioria”, da “voz corrente”, obscurecendo os verdadeiros filósofos recebendo fama e reconhecimento pela maioria inculta ou erudita.

O verdadeiro filósofo, porém, foge disso, tem alergia a esse contato! Um sofista (ou um rebanho deles!) não persuade o verdadeiro filósofo. Sofista não é um Sócrates! Sofista é sofista! Nietzsche tem uma profunda razão quando entende o filósofo como eremita. Filósofo está inclinado, com uma afinidade (*filia*) extasiada para a sabedoria (*Sofós*). Filósofo vive *na* verdade. Filósofo é um amigo ou amante da sabedoria e só nesse sentido originário, arcaico que filósofo é um *sofos*.



O *sofos* do filósofo é distinto, numa distância abissal, do *sofos* do sofista. Sócrates, no Livro II da *Politeia*, após ser pressionado (quase um *bullyng*) a contestar a tese de Trasímaco e, portanto, provocado (porque ficava em silêncio) a produzir um discurso em defesa da justiça fazendo o que ninguém até então na Grécia fez, a saber, um elogio da justiça, o filósofo adverte àqueles que o provocaram a escutar a fala *filosófica* do filósofo: “a pesquisa que íamos empreender [filosofia!] **não era coisa fácil, mas exigia, a meu ver, acuidade de visão**” (PLATÃO, 2010, p. 71, 368c, grifo nosso). O estudar e/ou lecionar filosofia, pois, não é coisa fácil e se iremos nos lançar nesta empresa é preciso uma “acuidade de visão”, ou o “ver com o coração” de Agostinho<sup>12</sup>, para vermos o que precisa ser visto para não nos seduzirmos por questões contingentes, não essenciais. Estudar e/ou lecionar filosofia não é empresa fácil se pensarmos na radicalidade da filosofia e não de seu simulacro erudito<sup>13</sup>. Essa “acuidade de visão” ou “ver com o coração” significa filosofar, isto é, o refinar o pensar, burilar a reflexão em busca da simplicidade da coisa ela mesma, sem, com isso, ou melhor, precisamente por isso, não se deixar ludibriar pelo simplório, tacanho e mesquinho esquematizar que elimina, camufla e domestica a dificuldade que só em enfrentando-a nos adestra para a habilidade e competência de chegar ao tutano da coisa ela mesma. Sócrates, por causa da pressão sofrida, mas sobretudo por causa da justiça ela mesma (*ti estin*) que foi espancada com os argumentos de Trasímaco, resolve, então, falar. A fala de Sócrates é toda a obra *Politeia* e, portanto, o empreendimento difícil é o filosófico, quer dizer, é o pensar e construir a República; não resume o que outros disseram sobre isso, mas começa de novo, desde *arché*.

---

<sup>12</sup> Filósofo pensa sempre o *mesmo* (*Selbe*)!

<sup>13</sup> Pedro Abelardo (1079-1142) em sua *Carta Autobiográfica* relata a relação com um professor famosíssimo, mas, posteriormente, descobriu que não era verdadeiro filósofo (mas jornal-ista), não era radical, mas sem raiz, sem profundidade, não obstante se mostrar para todos como uma árvore frondosa: “Então fui ter com esse velho [Mestre Anselmo em Laon] que conquistara um grande nome mais pela sua longa prática do que pelo engenho ou pela memória. [...] tinha uma elocução admirável, mas era vazio de conteúdo, oco de pensamento. Quando acendia o fogo, enchia a sua casa de fumaça mas não a iluminava. Sua árvore parecia toda vistosa na sua folhagem aos que a olhavam de longe [escutando admirados], mas revelava-se infrutífera aos que a observavam de perto e com cuidado [perguntando como filósofo, *ti estin*]. No entanto, quando eu me aproximei dela para lhe recolher o fruto, percebi que se tratava daquela figueira que o Senhor amaldiçoou ou daquele carvalho ao qual Lucano comparou Pompeu, ao dizer: ‘Eleva-se sombra de um grande nome,/Como um carvalho altivo no campo fecundo, etc.’”. Mais adiante Pedro Abelardo que, até então, só estudara livros de filosofia, sendo desafiado pelos estudantes de teologia a fazer comentários aos livros sagrados, aceita o desafio dizendo algo muito significativo, essencial para o professor e estudante de filosofia de todos os tempos: “[...] mas que eu muito me admirava de que para aqueles que são instruídos [na teologia] não bastassem, para entender as exposições dos Santos Padres, os seus próprios escritos ou os comentários [a própria obra clássica], de tal modo que não precisassem evidentemente de um outro ensino [comentadores, intérpretes, manuais]” (ABELARDO, 1973, p. 254-255).

O *Hípias Maior* de Platão é um diálogo muito apropriado para ver a filosofia desde sua gênese, quer dizer, na experiência do filosofar. Exemplifica, pois, esta empresa de entrarmos na filosofia pela única via que conduz para ela, a saber, o filosofar. É um diálogo curto de poucas páginas em que Platão intensifica o filosofar, quer dizer, o processo da busca da verdade em que a grande questão no tratamento acerca do belo não é chegar a uma solução definitiva, mas despertar no leitor ou estudioso a necessidade imperiosa de exercitar a “acuidade de visão” ou “ver com o coração” através da desconstrução das teses do sofista Hípias que se apresenta como aquele que sabe o que é o belo. Todo sofista é sábio e tem convicção, afirmando publicamente que sabe. Diante do ignorante Sócrates, porém, através de sua ironia, da dialética, o sofista, Hípias, o sábio, mostra-se como aquele que de nada sabe acerca do belo apesar de seu pretenso saber sobre o belo. A ironia socrática se mostra justamente ao colocar Hípias como sendo o sofista que ensinará o que é o belo. A ironia aparecerá em vários momentos do diálogo em que a cada desenvolvimento explicativo de uma determinada definição do belo, dada por Hípias, Sócrates desconstrói a definição, mostrando que ela não se mostra verdadeira, recebendo a concordância de Hípias. A ironia também aparece através do fato de Hípias ser, além de um importante sofista, também, um homem de uma beleza física muito evidente. Hípias, excelente e renomado sofista, que não só se julga sábio e conhecedor de todos os assuntos, como também vende a ideia de que é capaz de dotar qualquer homem das mesmas habilidades desde que tenham condições de pagar-lhes um bom dinheiro. Entretanto, Hípias, mesmo sendo um sofista e possuindo a beleza, em diálogo com Sócrates, filósofo, não consegue dar uma definição consistente e verdadeira do belo (*Kalos*)! A ironia chega a seu ápice se visualizarmos a figura bela de Hípias que valoriza as roupas, adornos de ouro, com a figura simples, pobre, de Sócrates descalço e maltrapilho. A verdade resplandece despida de sofisticadas acessórias e se apresenta, encarnada, vestida em trapos e descalça! “Quem tem olhos para ver que veja!” É extremamente salutar a leitura do diálogo porque além de exercitarmos o pensamento na apresentação de uma dada definição do belo e a consequente desconstrução participamos do filosofar, entramos na filosofia. Hípias, sofista e belo, não consegue responder efetivamente o que é o belo, *ti estin*. Em toda resposta que Hípias fornece ela destoa da linguagem, da atmosfera de *arché*, pois não responde à pergunta em termos de tocar no belo nele mesmo (287a), mas se detém em responder sobre coisas que são belas.

Uma abordagem de um determinado tema que não falar na atmosfera do *ti estin*, sem linguagem ou sotaque, portanto, de *arché*, não será filosófica! Não atinge,

pois, a verdade da filosofia que busca atingir uma definição do belo nele mesmo. Hípias, entretanto, em todo diálogo sempre assume a postura do sábio (Cf. 287a, 289e-290a, 290e) e daquele que pode ensinar a Sócrates, e, portanto, a responder o amigo imaginário, criado por Sócrates para ficar à vontade para falar como um filósofo deve falar com um sofista. Hípias desde o início do diálogo exhibe suas credenciais como embaixador de Elis como alguém que alcançou um êxito e uma excelência, superando os sábios do passado, por conseguir ganhar muito dinheiro privadamente e se envolver com negócios para o bem do Estado. Os filósofos foram incapazes deste empreendimento, como Tales e Anaxágoras, pois se mantiveram distantes dos negócios do Estado (281c). O filósofo, encarnado pelo amigo imaginário de Sócrates, demonstra um contraste em seu modo de perguntar, assim como uma pobreza e liberdade que não se ata a compromissos ou interesses que não seja exclusivamente com a sabedoria (288e). Em todo o diálogo constatamos e experimentamos a experiência do filosofar a partir do modo de perguntar do filósofo e o modo de responder do falso filósofo, o sofista. Há uma seriedade humorística ao acompanhar no diálogo a ironia socrática, assim como perfaz uma experiência muito edificante ao visualizar as características do verdadeiro e do falso filósofo. Bom confrontar-se com isso a todo momento, ou de vez em quando! O diálogo termina após Sócrates desconstruir todas as definições sobre o belo, proposta pelo sofista Hípias, com a afirmação de Sócrates que o diálogo trouxe um imenso benefício para ele porque agora ele sabe a veracidade do adágio popular: “*aquilo que é belo é difícil*” (PLATÃO, 2007, p. 270, 304e, grifo do autor). Enfim, o diálogo termina justo no ponto em que começou: *ti estin*, o que é isto – o belo? (Cf. *Politeia*, 497d-e). O que se ganha com isso? A filosofia a partir e como experiência do filosofar! É um nada que é tudo pois pleno de possibilidade de poder para o nascimento de uma filosofia!

O *Solilóquios* de Santo Agostinho perfaz esse mesmo movimento do filosofar. Nas Confissões, Santo Agostinho escreve: “Estou seguro, Senhor, de que te amo; disso não tenho dúvidas [...] Mas, que amo eu quando te amo?” (AGOSTINHO, 1984, p. 254). Na primeira frase explode a fé do teólogo, confessando a graça de ter sido tocado e tomado pela graça de Deus e, assim, tem absoluta certeza, melhor, segurança de que ama a Deus. Na segunda frase, a adversativa, está dizendo um versar não que vai contra ou se opõe à primeira frase, à confissão de fé, mas, ao contrário, é o filósofo colocando a coisa mesma da filosofia em questão. O filósofo, então, interpelando de forma filosófica (*ti estin*) a Deus ou o Princípio (*archê*) quer compreender, explicitar sua experiência de amar o Amor: “Mas, **que** amo eu quando te amo?”. No *Sofista*

Platão define o pensamento, o pensar como um diálogo da alma consigo mesmo. Ora, é precisamente isso que Santo Agostinho faz dialogando consigo mesmo, com sua Razão, iniciando, nas primeiras linhas do *Solilóquios*, desse modo, uma prece a Deus:

Enquanto incessantemente durante muitos dias eu pensava comigo mesmo sobre muitos e diversos assuntos e procurava com diligência a mim mesmo [a única questão], o meu bem e o que de mal pudesse ser evitado, de repente uma voz me fala, não sei se fui eu mesmo ou outro qualquer, exterior ou interiormente [experiência do filosofar]. É isso que desejo imensamente saber [filosofia como consequência] (AGOSTINHO, 1998, p. 15).

A própria estrutura da obra parece corroborar a tese sustentada neste artigo: o capítulo 1 é uma *Prece a Deus* e o desenvolvimento da obra, o que segue é tão somente o exercício do filosofar partejando a filosofia, quer dizer, é o esforço da conquista ou apropriação da verdade que foi *proferida* na prece. Se filosofia se reduzisse a definições e informações, bastaria Santo Agostinho ter escrito apenas a prece porque nela estão sintetizadas todas as informações ou dados do livro! Mas graças ao bom Deus que Santo Agostinho é um verdadeiro filósofo e se ocupa no exercício do filosofar para conduzir e deixar-se ser conduzido para a *filosofia*.

A Encarnação de Cristo (*Logos*) não é a grande experiência do filosofar (*pathos, Paixão!*) em que o Mestre exercita o olhar da fé (“o ver com o coração”) para que os discípulos vejam nele o Rosto do Pai no qual divide com Ele e o Espírito, que os une e vincula, na mesma divindade (*archê*)? E o *Logos* se fez e se faz carne, experiência. “Quem tem olhos para ver que veja!”. “Vinde e vede”.

## REFERÊNCIAS

ABELARDO, Pedro. Carta autobiográfica. In: ANSELMO, Santo; ABELARDO, Santo. **Os pensadores**. São Paulo: Abril cultural, 1973.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.

\_\_\_\_\_. De la doctrina cristiana. In: \_\_\_\_\_. **Obras de San Agustin**. Tomo XV. Edición bilingüe. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1957.

\_\_\_\_\_. **Solilóquios**. Adaury Fiorotti. São Paulo: Paulus, 1998.

DESCARTES, René. **Regras para a direção do espírito**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1985.

FOGEL, Gilvan. **Que é filosofia?** Filosofia como exercício de finitude. Aparecida: Idéias & Letras, 2009.

HARADA, Frei Hermógenes. **De estudo, anotações obsoletas**: a busca da identidade humana e franciscana. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: IFAN, 2009.

\_\_\_\_\_. De como estudar. **Revista Filosófica São Boaventura**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 11-76, jul./dez. 2011.

HEIDEGGER, Martin. **Identidade e diferença**. Tradução, introdução e notas de Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2009a.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche I**. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. **Que é isto – a filosofia?** Tradução, introdução e notas de Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2009b.

\_\_\_\_\_. **¿Qué significa pensar?** Traducción de Raúl Gabás. Madrid: Editorial Trotta.

KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de angústia**: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis. Tradução de Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2010.

\_\_\_\_\_. **O conceito de ironia**: constantemente referido a Sócrates. Apresentação e Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. 2. ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O filósofo e sua sombra. In: \_\_\_\_\_. **Signos**. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PLATÃO. **A república**. Introdução, Tradução e Notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 12. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

\_\_\_\_\_. **Carta VII**. Tradução de José Trindade Santos e Juvino Maia Jr. Introdução de Terence H. Irwin. São Paulo: Loyola; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008.

\_\_\_\_\_. Hípias maior. In: **Diálogos II**. Tradução de Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2007a.

\_\_\_\_\_. Hípias menor. In: **Diálogos II**. Tradução de Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2007b.